



# 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”  
Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

---

Eixo: Serviço Social, Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional.  
Sub-eixo: Ênfase em Trabalho profissional.

## SERVIÇO SOCIAL E O PRECONCEITO AO MIGRANTE

Micaela Martinho de Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** Este estudo buscou compreender a percepção dos assistentes sociais sobre o preconceito ao migrante na região de Ribeirão Preto, SP. A análise busca uma perspectiva de totalidade e para isto traz o preconceito de origem sofrido pelo migrante e sua dialética relação com o preconceito de classe e racial.

**Palavras-chave:** Preconceito, Migrantes, Serviço Social.

**Abstract:** This study sought to understand the perception of social workers about the prejudice to the migrant in the region of Ribeirão Preto-SP. With a view to an analysis of totality, the preconception suffered by the migrant and his dialectic relation to class and racial prejudice was also debated.

**Keywords:** Preconception, Migrant, Social Work.

### Introdução

Esta pesquisa buscou realizar um debate sobre o preconceito ao migrante no âmbito do Serviço Social a partir de uma pesquisa realizada junto aos assistentes sociais dos municípios de Serra/SP e Guariba/SP, ambos localizados na região de Ribeirão Preto. Buscamos ainda elucidar elementos que evidenciam o preconceito sofrido por migrantes e sua relação dialética com o preconceito de classe e racial.

O Serviço Social, em seu projeto ético político, posiciona-se em defesa da liberdade, da emancipação dos indivíduos, colocando-se contrário a qualquer forma de opressão e exploração; esses elementos, em sua essência, já balizam a oposição veemente a qualquer forma de preconceito. Como um dos componentes que materializam o projeto ético político, o código de ética de 1993 expressa, em seus princípios fundamentais, que o exercício profissional não deve discriminar e nem ser discriminado e empenha-se na eliminação de toda forma de preconceito.

---

<sup>1</sup> Profissional de Serviço Social. Prefeitura Municipal de Indaiatuba. E-mail: <micaelamartinho@gmail.com>.

Frente aos desafios colocados ao cotidiano profissional para realizar uma prática profissional que não reproduza o preconceito e colabore para a sua eliminação, atuando dessa maneira em consonância com seu projeto ético político, questionamos: os assistentes sociais reconhecem que os migrantes são vítimas de preconceito? Se não reconhecemos o preconceito imbricado nas relações sociais, é possível combatê-lo? Buscamos, neste artigo, dialogar com esses questionamentos e colaborar com o debate sobre o preconceito ao migrante no Serviço Social.

### 1.1 Caracterização da região de Ribeirão Preto.

A região de Ribeirão Preto, localizada no noroeste do estado de São Paulo, é um centro fundamental da economia agroindustrial, organizada principalmente a partir da cultura canavieira. Historicamente, recebeu grande fluxo de migrantes, que buscavam, em sua maioria, garantir a reprodução de suas vidas através do trabalho no corte da cana de açúcar.

A produção de cana de açúcar na região iniciou-se na década de 1930, todavia, assumiu grandes proporções apenas com o processo de modernização da agricultura no país. Destaca-se, nesse contexto, o grande incentivo governamental que obteve em 1975 através do Programa Nacional do Alcool (PRÓALCOOL), sobressaindo a região no cenário nacional como grande produtora de cana-de-açúcar, o que demandou um amplo número de trabalhadores para os canaviais.

Segundo estudos regionais do Núcleo de Estudos de População (NEPO), na década de 1970, as migrações para a região de Ribeirão Preto representaram 47% do crescimento absoluto da população, o que correspondeu a 122.696 mil migrantes, sendo que 62,4 % eram migrantes do próprio estado e 37,7 % migrantes interestaduais. Dos migrantes interestaduais, 27,8 % eram oriundos do estado do Paraná, 46,6 % do estado de Minas Gerais e 11,5 % da região Nordeste (DEDECCA; MONTALI; BAENINGER, 2009, p. 58-59).

Se tomarmos em consideração períodos mais recentes, de 1995 a 2000, é possível analisar que as migrações para a região continuam sendo uma

característica presente. Entre esses anos, 32 mil pessoas migraram para a região. As migrações oriundas da região Nordeste corresponderam a 33,5 %, entretanto, se considerarmos apenas as migrações interestaduais, os dados mostram que os migrantes nordestinos correspondem a 65% da população migrante do período (DEDECCA; MONTALI; BAENINGER, 2009, p. 58-59).

## 1.2 O Preconceito ao migrante

Como pode ser analisado pelos dados expostos, a região lócus desse estudo tem presença marcante da população migrante em sua história e configuração espacial, daí o fato de buscarmos nessa pesquisa compreender o preconceito sofrido pelos migrantes em sua relação com os naturais dessa região.

Para entender o preconceito ao migrante, consideramos importante compreender a sua dimensão racial e de classe, pois se configura de maneira distinta o tratamento que se designa a migrantes de diferentes regiões do país. É preciso questionar: por que os oriundos de determinada localização geográfica sofrem maior preconceito? O que há de comum entre os migrantes que são discriminados?

Maria Silva (1999), em seu estudo, realizado na região de Ribeirão Preto, conclui que a determinação de quem é do “lugar” e quem é de “fora” não é assentada somente pela condição de migrante, mas é realizada pelos moradores natos e brancos que, tendo como fundamento o preconceito racial (mesmo que de forma velada), consideram homogênea uma massa diversificada de pessoas; o preconceito racial passa assim a ser atributo disfarçado sob o envelope da origem regional:

Quem os defini como “baianada” “mineirada”, são os outros, ou seja, os antigos, sobretudo os descendentes de Italianos, brancos, portanto, moradores destas cidades. No nível das representações dos trabalhadores, há imbricações de vários atributos: ser negro, mulato, moreno e habitante do “lugar” é diferente de ser negro, mulato, moreno vindo do nordeste ou do vale do Jequitinhonha. Para os moradores brancos, trata-se de um conjunto de baianada, mineirada. (SILVA, M.A.M., 1999, p.231).

Vettorassi (2010), igualmente considera que o preconceito aos migrantes é estabelecido em uma relação dialética com o preconceito racial e por sua

inserção de classe. Em sua pesquisa no município de Guariba/SP, pode verificar que, para ser considerado como de “fora”, não apenas a condição de migrante é considerada, mas o fato de ser negro, oriundo da região norte ou nordeste, morador dos bairros periféricos, ter baixo nível de escolaridade e estar inserido em trabalhos desvalorizados socialmente, com baixa remuneração.

Em Guariba, grupos heterogêneos se separam entre os que chamamos de “nativos” e os “de fora”, que se diferenciam em diversos aspectos: o primeiro grupo é constituído de brancos, o outro de negros e seus descendentes; o primeiro é morador do centro, o segundo do Bairro Alto e de outros bairros periféricos; o primeiro é de classe média e classe média alta, o outro é de classe baixa. Todos estes elementos são resumidos em poucas palavras detentoras de estigmas: “de fora”, estranho, “do morro”, migrante, nordestino. **Quando moradores do Bairro Alto e do centro da cidade de Guariba foram ouvidos, compreendemos que há uma qualidade comum compartilhada com os “de fora” que os identifica desta forma: terem descendência negra, independente de serem migrantes ou não; suas corporalidades projetam uma impressão para os nativos que torna possível uma dialética e discriminatória relação entre os dois grupos e que inclui os filhos de migrantes, já nascidos em Guariba. Utilizando-se da expressão migrante, o nativo mascara um preconceito racial tão forte quanto o de naturalidade, e atribui ao “de fora” todos os males de sua sociedade, em especial os índices de criminalidade.** (VETTORASSI, 2010, p. 101, grifo nosso).

Albuquerque Júnior (2007), em seu estudo sobre o preconceito por origem geográfica e de lugar, salienta que o preconceito ao nordestino é predominante no Brasil e acredita que esse fato se deve (entre outros elementos) ao racismo. Partindo desse pressuposto, analisa que a construção da figura dos nordestinos nos anos de 1920 foi marcada pelas concepções eugenistas e social-darwinistas, quando o “atraso” da região, suas crises econômicas e sociais eram consideradas responsáveis da população negra:

Muitos lamentavam que este espaço não tivesse sofrido a injeção de sangue ariano e europeu, da forma como havia ocorrido com São Paulo, fator que teria sido decisivo para o desenvolvimento daquela terra. Ao mestiço, notadamente ao mulato, era associada à ideia de que seria preguiçoso, resistente ao trabalho regular, instável do ponto de vista psicológico, já que oscilava entre heranças raciais que encarnava. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 114).

Como resultado do discurso racista e eugenista, foram atribuídas aos nordestinos características consideradas psicológicas, oriundas de sua condição racial:

Como a ideia que o nordestino é tendente à violência e à agressividade, alimentado pelo mito do cabra macho, elaborado na própria região. A palavra “cabra” já possuía um sentido racial e de classe, visto que era um termo utilizado na região para se referir ao homem pobre e pardo, homem subordinado ao mando do poderoso (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 128).

Segundo Oliveira (2013) o preconceito ao migrante da região de Ribeirão Preto se manifesta fundamentalmente no isolamento geográfico e social, nos

estereótipos negativos que lhe são empregados e na própria negação de acesso a seus direitos.

Os migrantes não ocupam os mesmos espaços de trabalho, moradia e lazer que os “nativos” dos municípios. Referente a moradia, habitam os bairros periféricos, denominados, muitas vezes, como “vila de barro”, nome atribuído pelos moradores antigos aos bairros que residem os migrantes. Nos espaços de trabalho, também ocorre uma cisão entre os nativos e os de fora. Nos eitos dos canaviais, por exemplo, os trabalhadores do lugar não ocupam o mesmo ambiente que os migrantes; soma-se a essa característica o fato dos trabalhadores natos incorporarem a ideologia dominante, uma vez que consideram os migrantes responsáveis pelo desemprego do município (VETORASSI, 2007; SILVA, M.A.M., 1999).

Como colocado por Agnes Heller (1985), o preconceito é um mecanismo importante de manutenção da coesão social, pois mobiliza em seu favor interesses antagônicos. Na realidade estudada, podemos entender que o preconceito dificulta a união entre os trabalhadores e, por consequência, sua luta política.

Os espaços de convivência e lazer dos migrantes são limitados aos bairros que residem, característica que se estende até os que fizeram desses municípios sua morada permanente. As relações de sociabilidade ocorrem majoritariamente com aqueles considerados seus iguais, ou seja, outros migrantes ou filhos de migrantes.

Para compreendermos os motivos que levam a esse isolamento, é importante analisarmos a fala e percepções dos próprios migrantes, referente à maneira como são tratados quando em contato com os “naturais”:

A gente acha ruim porque não conhece ninguém, não sabe quase nada, tem vergonha de falar com gente daqui porque eles gostam de tirar sarro da cara dos maranhenses, porque não falam do jeito deles, não come a comida que eles comem, tem preconceito com maranhense. (ANITTA, maranhense, 20 anos, apud OLIVEIRA, M.M., 2013, p. 110).

Ah, sei lá, às vezes a gente tava conversando e eles ficam dando risada. Não sei se é pelo sotaque da gente. No começo a gente sempre acha ruim, mas depois acostuma. (OLGA, maranhense, 27 anos, apud OLIVEIRA, M.M., 2013, p. 110).

Entende-se que a busca de distanciamentos dos “naturais” é uma estratégia encontrada por esses sujeitos para evitar situações discriminatórias, mesmo que essas sejam, muitas vezes, disfarçadas por possíveis “brincadeiras” que, na verdade, camuflam, por meio do riso, o preconceito manifesto cotidianamente.

Pinheiro (2011) pode identificar, através de entrevistas com os moradores naturais do município de Serrana/SP, que esses, mesmo residindo em bairros próximos aos migrantes, relatam não os conhecer. Contudo, os descriminam, consideram que todos os aspectos negativos da sociedade, como a violência, miséria e o desemprego, são responsabilidades dos de “fora”.

A população migrante é analisada de forma estereotipada pelos naturais das cidades, que os compreendem enquanto uma massa homogênea, que “[...] em suas percepções, trata-se de um bando de invasores, gente suja, portadora de maus costumes, gente violenta.” (SILVA, M. A. M., 1999, p. 230). São tidos como pessoas dos “países do Norte”, “gente que vem tirar o emprego dos outros”, “que trabalha a qualquer preço” (SILVA, M. M. A., 1999).

É relevante analisarmos que não há um convívio fecundo entre os migrantes e a população local, contudo, essa distância não evita o preconceito construído contra os migrantes. Se não existe o contato entre ambos os sujeitos, como a população natural pode construir suas percepções sobre os migrantes? Baseada em qual experiência?

Frente à realidade apresentada, podemos compreender que o preconceito ao migrante não é baseado no conhecimento e na experiência, pois esses elementos são obstados em suas relações. Essa é uma das características fundamentais do preconceito, apontada pelos pensadores Crochick (1996) e Heller (1985), que entendem que o preconceito não necessita da experiência, pelo contrário, mantém-se inabalável perante a razão e ao conhecimento. “Experiências que, de alguma maneira, poderiam ser gratificantes são racionalizadas para que o estereótipo se mantenha. Em outras palavras, não só a experiência não é necessária para a constituição do preconceito como este a deforma”. (CROCHÍCK, 1996, p. 49).

## 2.0 O Serviço Social e o preconceito ao migrante.

Com o objetivo de aproximar o debate sobre o preconceito ao migrante do Serviço Social, buscamos na pesquisa analisar se os assistentes sociais apreendem o preconceito sofrido pelos migrantes. Como lócus de nossa pesquisa de campo, selecionamos o município de Guariba/SP e Serrana/SP, ambos na região de Ribeirão Preto.

A escolha pelos dois municípios justifica-se pela presença marcante de fluxo migratório em sua história. Além dessa característica, colaborou também para a escolha do município de Guariba/SP o fato de ter sido palco de uma importante greve dos trabalhadores rurais, ocorrida em 1984.

A greve ganhou repercussão nacional, refletiu as degradantes condições de trabalho e vida dos trabalhadores rurais da região, condições que podem ser consideradas de semiescravidão. No de 1984, metade da população de Guariba/SP era composta por trabalhadores da agroindústria canavieira, sendo que a maioria era oriunda da região nordeste e do estado de Minas Gerais. A referida greve permeia a memória dos naturais da cidade como um episódio violento e vergonhoso, realizada por baderneiros. Essas características são transportadas aos migrantes, tidos como responsáveis pela greve (VETTORASSI, 2007).

Foram entrevistadas sete assistentes sociais na pesquisa. Em Serrana/SP, foram quatro profissionais, três trabalhavam na política de assistência social e uma na política de saúde. Em Guariba/SP, foram entrevistadas três profissionais, duas trabalhavam na política de assistência e uma na política de saúde.

A escolha desses espaços ocupacionais deve-se ao fato de pesquisas anteriores terem evidenciado que, nessas políticas sociais, é próximo o contato entre os assistentes sociais e a população migrante. Não serão expostos os locais de trabalho, pois por serem ambos os municípios pequenos, seria possível a identificação das sujeitas de pesquisa. Os nomes foram trocados por fictícios, para manter o sigilo.

## 2.1 A percepção dos assistentes sociais sobre o preconceito ao migrante.

O Serviço Social explicita, em seu projeto ético-político, posicionamento contrário a qualquer forma de preconceito e defende a atuação profissional que colabore para a sua eliminação. Entendemos, que é fundamental para um posicionamento e prática profissional que combata o preconceito o entendimento de sua existência. Buscamos na pesquisa de campo analisar se os assistentes sociais compreendem que o migrante é vítima de preconceito.

Com a exceção de duas profissionais, todas as demais sujeitas dessa pesquisa compreendem que o preconceito ao migrante não é presente nos municípios estudados. Duas das profissionais analisam que o preconceito ao migrante já fez parte da realidade dos municípios no período da chegada dos primeiros fluxos de migrantes internos, entretanto acreditam que presentemente não há discriminação à essa população, em seguida transcrevemos algumas das falas que apresentam essa análise:

Hoje eu não vejo, não, mas eu acho que lá atrás havia, havia sim. Eu vejo que não há segregação não. (Iolanda, assistente social, município de Serrana).

Teve uma época que foi assim, a saúde não pode negar né, então muitas vezes as pessoas reclamavam “nós somos daqui e nós estamos perdendo lugar na nossa cidade para os Piauí, por esse povo que vem lá no Norte”, eu ouvi essa fala. (Luana, assistente social, município de Serrana).

Não, eu acredito que, não. O atendimento na saúde, na educação, na assistência, acredito que seja igual para todos. Independente se a família chegou de outro estado, vejo Guariba como uma cidade bem solidária. (Judite, assistente social, município de Guariba).

Eu acho assim, que eles se adaptaram a gente e a gente se adaptou a eles. Por que Guariba não é de hoje que é uma cidade que recebe migrantes, tem muitas histórias de migrantes na nossa cidade, então, a maioria da nossa população é migrante, é um lugar de fácil adaptação. O pessoal não tem essa questão do preconceito. (Pâmela, assistente social, município de Guariba).

Iolanda relata que no início das migrações, a diferença racial entre a população local e a migrante são marcantes, visto que os migrantes eram majoritariamente negros e a população local era branca. Ela considera que essa característica e a mudança na paisagem da cidade com as novas habitações foram fatores que acarretaram um “choque” entre naturais e migrantes:

Essa questão migratória para Serrana sempre foi muito forte, hoje está tudo junto e misturado. Serrana há um tempo atrás, [...] a população tinha uma característica muito Italiana, [...] a característica das pessoas da cidade era

uma característica física de pessoas mais claras. Os migrantes têm uma característica física muito diferente, eles são negros, mulatos, de cabelo diferente. Na época que eu estava na usina, hoje eu não vejo muito não, mas era forte a questão cultural, do choque mesmo, porque foi uma época de bastante impacto né, na década de 80, na década de 90, que descaracterizou a questão urbanística da cidade, com a construção desses quartinhos e dessas casinhas. Foi uma época que talvez tivesse essas diferenças aí, porque foi uma época de embate [...]. (Iolanda, assistente social, município de Serrana).

Apenas duas profissionais compreendem que os migrantes sofrem preconceito. Na fala de Livia, a mesma identifica o preconceito no sentido de a população natural do município questionar o direito dos migrantes de acessarem a política de assistência social. Contudo, apesar de analisar essa discriminação, salienta que “é pouco” o preconceito:

É pouco, mas existe ainda nos atendimentos, porque a população do município que necessita de assistência, às vezes, eles acham que por estar atendendo uma demanda de migrantes, está tirando deles [...]. (Livia, assistente social, município de Serrana).

A compreensão da assistente social Helena destoa das demais análises. Ela considera que o preconceito ao migrante é latente, que o município não os acolhe bem, que o morar na periferia da cidade é para além de uma condição econômica, pois também expressa uma estratégia dos migrantes para sofrerem menor preconceito.

Serrana não acolhe bem os migrantes, não. A gente percebe isso, inclusive, por conta dos bairros, o centro é de classe média e classe alta, que estão geralmente em torno das igrejas, aqui não é diferente. Então, lá no centro, você acha mais a população que é de Serrana mesmo e aí nas regiões periféricas estão os migrantes, mas não é por que de repente eles não tem acesso, eu atendo doméstica que recebe R\$ 1.500, que conseguiria pagar um aluguel na região central [...]. (Helena, assistente social, município de Serrana).

Mas você acha que a população natural iria gostar desse migrante mais próximo? (Pesquisadora).

Ela não iria gostar. A forma de se referenciar aos migrantes, sempre no sentido pejorativo “ah, aquele Piauí, aquele Mineiro”, acaba afastando, não ficam próximos. (Helena, assistente social, município de Serrana).

A assistente social refere que o preconceito ao migrante é nítido, expresso no questionamento realizado pelos moradores do lugar sobre o motivo da permanência do migrante no município e no preconceito no espaço institucional,

pois alguns profissionais da saúde consideram que agravos na saúde dos migrantes são decorrentes de sua origem geográfica:

Existe sim, é nítido. A forma de tratar é diferente, eu percebo, eles vêm reclamar, as mães vêm reclamar que foram tratados de forma diferente, “Ah, por que você não volta?!” [...]. Então tem isso na saúde também [...], falam muito “Ah, tinha que ser de Minas mesmo” “tinha que ser baiano”, a gente escuta muito isso por aí, já falam mesmo no sentido pejorativo e frisando que está acontecendo o problema por que a pessoa é de outro estado. (Helena, assistente social, município de Serrana).

A dimensão do preconceito racial foi apontada por Helena como elemento que reforça o preconceito ao migrante. A profissional faz uma consideração importante sobre o mercado de trabalho e o racismo, pois salienta que um dos fatores que impedem a inserção em determinadas ocupações é o preconceito racial:

Com certeza, o preconceito ao migrante é reforçado pelo racismo. Não é só um preconceito a ser trabalhado, são vários. Serrana eu considero uma cidade muito preconceituosa, é difícil você ver atendentes negros em lojas e supermercados, não tem! (Helena, assistente social, município de Serrana).

Helena, que é uma mulher negra, relata que em seu cotidiano profissional sofre racismo, descreve que a população se surpreende quando se depara com uma pessoa negra ocupando o cargo de assistente social, esperavam “uma loira, de olhos azuis” e que sempre é questionado sua iniciativa de realizar cursos:

Quando chega alguém aqui e fala “Você é a assistente social?”, “Estava esperando uma loira de olho azul, é sou eu sim, tudo bem?” [...]. Eu não sou do tipo de profissional que fica acomodado, eu faço curso mesmo [...], mas aí vem os questionamentos “Ah, mas você vai fazer esse curso?”, “Por que ela vai fazer o curso?”. Não quero acreditar que é por conta de algum preconceito, eu penso que não e toco para frente, mas no fundo, eu sei que é. (Helena, assistente social, município de Serrana).

Podemos analisar que essa profissional consegue ultrapassar a aparências dos fatos, compreendendo que a sociedade não tem por base “relações cordiais”, que não vivemos em uma democracia racial e que o preconceito contra ao migrante é extremamente presente em sua sociabilidade e que também é imbricado com o preconceito racial, visto que é uma população majoritariamente negra. Acreditamos que o fato de Helena ser uma mulher negra e por compreender a dimensão do preconceito racial, inclusive em seu cotidiano,

colabora para que realize uma análise ampla sobre a discriminação sofrida pelo migrante.

Se os migrantes, como pôde ser demonstrado em pesquisas e pela fala contundente de umas das profissionais, sofrem cotidianamente com a discriminação e o preconceito, por que os assistentes sociais, sujeitas dessa pesquisa, em sua maioria não apreendem essa realidade? Por que as relações sociais são compreendidas como harmoniosas?

Chauí (2000), no livro “Brasil: mito fundador e sociedade autoritária”, analisa que a sociedade brasileira tem uma crença generalizada que somos um povo pacífico, alegre, ordeiro e generoso com o próximo, que somos um país sem preconceitos, que desconhecemos discriminações e somos acolhedores para todos aqueles que desejam trabalhar: “[...] só não melhora e só não progride quem não trabalha, não havendo por isso discriminação de classe e sim repúdio da vagabundagem que, como se sabe, é a mãe da delinquência e da violência.” (CHAUÍ, 2000, p.4-5).

Essa representação possui uma força persuasiva que se explicita na produção de contradições, que passam despercebidas:

É assim, por exemplo, que alguém pode afirmar que os índios são ignorantes, os negros são indolentes, os nordestinos são atrasados, os portugueses são burros, as mulheres são naturalmente inferiores, mas, simultaneamente, declarar que se orgulha de ser brasileiro porque somos um povo sem preconceitos e uma nação nascida da mistura de raças [...] (CHAUÍ, 2000, p. 5).

No Brasil, as formas de exploração, discriminação e a dominação são ocultadas sob a concepção de uma sociabilidade harmoniosa, cordial e sem preconceitos, acreditamos que essa imagem, ou, nas palavras de Chauí, esse mito fundador, colabora para entendermos a dificuldade que levam as sujeitas dessa pesquisa a não enxergarem, em sua maioria, o preconceito sofrido pela população migrante. Chauí (2000, p. 95-96) analisa que qualquer forma de conflitos e contradições que neguem essa imagem são bloqueadas e/ou reprimidas:

Somos uma formação social que desenvolve ações e imagens com força suficiente para bloquear o trabalho dos conflitos e das contradições sociais, econômicas e políticas, uma vez que conflitos e contradições negam a imagem da boa sociedade indivisa, pacífica e ordeira. Isso não significa que conflitos e

contradições sejam ignorados, e sim que recebem uma significação precisa: são sinônimo de perigo, crise, desordem e a eles se oferece como resposta única a repressão policial e militar, para as camadas populares, e o desprezo condescendente, para os opositores em geral. Em suma, a sociedade auto-organizada, que expõe conflitos e contradições, é claramente percebida como perigosa para o Estado (pois este é oligárquico) e para o funcionamento “racional” do mercado (pois este só pode operar graças ao ocultamento da divisão social).

Acreditamos também que a não compreensão do preconceito aos migrantes expressa a própria naturalização da discriminação e das relações de opressão que perpassam a vida desses sujeitos, essas manifestações podem ser entendidas como “normais”, “brincadeiras” e camufladas por trabalhos de caridade realizados pela população natural.

Uma sociedade que nega seus conflitos e as relações de opressão e exploração que a permeiam embasada em um mito de um povo cordial, harmônico e sem preconceitos colabora diretamente para uma percepção do real que naturaliza o preconceito e atitudes discriminatórias. Entendemos assim que o mito fundador da sociedade brasileira colabora para a não compreensão das relações de opressão e preconceito e, também, para a naturalização desses processos.

### **Considerações finais**

Apesar de buscarmos entender a invisibilidade do preconceito ao migrante no cotidiano profissional, através dos elementos analisados, é preciso considerar que essa visão é problemática para a atuação profissional, pois as sujeitas de pesquisa não conseguem ultrapassar a aparência fenomênica da realidade, transpor a imagem de sociabilidade harmônica, mesmo que os embates e contradições da relação entre migrantes e naturais sejam latentes na realidade em que realizam seu trabalho. Ao não se compreender as relações de opressão e exploração, ao não as problematizar, colaboramos ainda mais para a sua naturalização e reprodução, o silêncio que impera sobre o preconceito ao migrante no cotidiano profissional caminha nessa direção.

Em busca de ampliar nossa análise e, inclusive, entender a dificuldade das sujeitas de pesquisas de superarem a concepção que nega o preconceito

ao migrante, buscamos na pesquisa de campo verificar a presença na formação profissional das assistentes sociais da problematização sobre o preconceito em suas diversas formas de expressão. Quatro profissionais relataram que, no espaço de graduação em Serviço Social, não foi abordado nenhuma temática que se referisse ao preconceito, três relataram que foi abordado, contudo, salientam que foi em momentos pontuais e mesmo de maneira superficial. Em relação ao preconceito ao migrante, nenhuma das profissionais se apropriaram desse debate em suas formações acadêmicas.

Não temos elementos nessa pesquisa para explicar o motivo dessa ausência na formação profissional, assim como não é possível afirmar que essa realidade seja presente em diversos espaços de formação. Para analisar essa questão, seriam necessários estudos mais amplos que se dediquem especificamente a desvelar essa realidade.

Compreendemos que a formação acadêmica é importante para que os alunos de Serviço Social possam apropriar-se do debate sobre o preconceito, pois a educação universitária pode ser um espaço favorável para a reflexão que problematize as relações de opressão postas na sociedade, adquirindo elementos para uma análise do real que ultrapasse a aparente harmonia das relações sociais. Salientamos ainda a importância da abordagem do preconceito que ultrapasse a dimensão do ensino e que também esteja presente na pesquisa e na extensão universitária, que constituem elementos indissociáveis para uma formação de qualidade que contribua para o desenvolvimento de uma visão crítica e transformadora da realidade.

## Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar**: as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2007.

CHAUÍ, M. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. **Código de Ética Profissional do Assistente Social**. Brasília, DF, 1993. Disponível em: <[http://www.cfess.org.br/arquivos/CEP\\_1993.pdf](http://www.cfess.org.br/arquivos/CEP_1993.pdf)>. Acesso em: 14 maio 2016.

CROCHÍCK L, J.. Teoria crítica da sociedade e estudo sobre o preconceito. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 67-99, 2001.

DEDECCA, C.; MONTALI, L.; BAENINGER, R. **Estudos Regionais Pólo Econômico de Ribeirão Preto**. Campinas: FINEP : NEPP : NEPO : IE Unicamp, 2009. (Regiões Metropolitanas e Pólos Econômicos do Estado de São Paulo: desigualdades e indicadores para as Políticas Sociais). Disponível em: <<http://www.nepo.unicamp.br/simesp/Site/Estudos/RP.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

OLIVEIRA, M. M. **Serviço Social e o preconceito ao migrante de Guariba-SP**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2013.

PINHEIRO, I. C. **De onde vêm e porque vão**: uma análise das condições de vida e trabalho do cortador de cana migrante do município de Serrana. 2001. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Franca, 2001.

SILVA, M. A. M. **Errantes do fim do século**. São Paulo: Fundunesp, 1999.

VETTORASSI, A. Migrantes do interior paulista: sobre relações sociais traçadas por violências simbólicas. **Teoria e Pesquisa**: Revista de Ciência Política, São Carlos, v. 1, n. 49, p. 213- 237, 2006. Disponível em: <<http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/26/18>>. Acesso em: 29 out. 2015.

\_\_\_\_\_. Partindo para a cidade garantida e proibida. In: NOVAES, J. R.; ALVES, F. (Org.). **Migrantes**: trabalho e trabalhadores no Complexo Agroindustrial Canavieiro (os heróis do agronegócio). São Carlos: EdUFSCar, 2007.